

REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO LIVRO DE HISTÓRIA DO PROJETO BURITI DO 4º ANO

Flaviano Cirino de Souza ¹
Pablo Fabricio da Conceição ²

RESUMO

Pretende fazer leitura iconográfica de imagens do indígena a partir do livro de História do projeto Buriti do 4º ano, para tal parte da problematização da representação do indígena na dicotomia ingênuo – selvagem, recorrentemente destacada na história, uma vez que esta é contada na visão do colonizador. O referencial teórico se embasou nos estudos de: Brasil (2008), Catelli Junior (2009), Freitas (2010), Grupioni (2004), Panofsky (1979), Thahira (2011), Schmidt e Cainelli (2009), Santos (2007), Burke (2004), Oliveira (2011), Freire (2000), embasado na leitura iconográfica das imagens que levam em consideração representação e historicidade, antiga e contemporânea a fim de dar força a um discurso que prestigia outras visões além da que já está dada. Ao fim, podemos concluir que a figura do indígena há muito vem sendo negligenciada pelo material didático, que precisa ser revisitado e revisado periodicamente, e que a presença do professor, enquanto mediador e provocador, é de suma importância neste processo de mudança de pensamento.

Palavras-chave: Iconografia, Representação do indígena, Decolonização.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar e discutir as imagens visuais dos povos indígenas retratados no livro didático de história do Projeto Buriti do 4º ano do Ensino Fundamental I, com viés iconográfico. Toda imagem visual deve expressar um significado, pois se a imagem não comunica, ela perde sua razão de ser e sua essência real, uma vez que a imagem visual é uma forma de linguagem dentro do processo de comunicação. Diante desse processo de análise de imagem, surge a iconologia que admite, no processo de análise, compreender o porquê das escolhas de determinadas características e representação já que nem sempre é possível determinar todas as estratégias simbólicas de um período específico. Como exemplo temos as imagens referentes aos povos indígenas, que são apresentadas de maneira estereotipadas, ateadas

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, flavio-paraiba@hotmail.com;

² Mestre em Artes pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, professor EBTT do Instituto Federal de Alagoas – Campus Piranhas, pablo.fabricio@ifal.edu.br;

aos modos de vida rurais, sempre em ocas e aldeias, que vivem da caça, pesca e colheita. Porém, durante séculos, e até na atualidade, não tivemos e nem temos acesso à verdadeira história dos povos indígena, apenas fatos históricos, em específico o livro didático, que relata acontecimentos sem nenhuma problematização iconográfica e iconológica dos povos indígenas.

Com base no objetivo de estudo da pesquisa, indagamos: As imagens e conteúdos abordados no livro didático do projeto Buriti atendem a diversidade cultural de representatividade ou contribuem para gerar a negação da história e cultura dos povos indígenas? A metodologia aplicada no livro com relação às imagens expõe como amostra, contextualiza ou gera uma crítica reflexiva?

O referencial teórico se embasou nos estudos de: Brasil (2008), Catelli Junior (2009), Freitas (2010), Grupioni (2004), Panofsky (1979), Thahira (2011), Schmidt e Cainelli (2009), Santos (2007), Burke (2004), Oliveira (2011), Freire (2000).

A metodologia se baseou no enfoque qualitativo, com pesquisa bibliográfica, documental e iconográfica como ferramentas no processo de observação e interpretação de imagem, a partir da representação visual dos povos indígenas no livro didático de história do Projeto Buriti do 4º ano do Ensino Fundamental I. As discussões e resultados mostram que as imagens visuais analisadas no livro didático revelam o indígena como sujeito completamente selvagem e incivilizado desde o período colonial à contemporaneidade, residindo em ocas e aldeias, andam despídos na mata, vivem diretamente da colheita, da caça e pesca de animais.

Em relação as especificações técnicas do livro didático do projeto Buriti do 4º ano trata-se de livro direcionado ao nível escolar Ensino Fundamental I, com componente curricular: História, organizado pela editora Moderna, com segunda edição, contendo 136 páginas, de origem nacional, com lançamento no ano de 2011 (THAHIRA, 2011).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa baseou-se numa abordagem qualitativa, em que exploramos a pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Os procedimentos metodológicos se deram através de análise de imagens visuais (gravura, desenhos e fotografias) e conteúdos referentes à temática indígena a serem analisados no livro

didático de história do Projeto Buriti, utilizado pelos alunos do 4º ano do ensino fundamental I. Os instrumentos de coleta de dados da pesquisa foram as ferramentas de análise de materiais ou documental do livro didático de história do projeto buriti 4º ano e para análise de fontes e fatos históricos foram analisadas imagens e a descrição do contexto que se complementam neste processo de observação e interpretação com base nos estudos iconográficos e iconológica.

Ressaltamos que a análise das imagens do livro foi realizada página por página até completar as 136 páginas. Após análise das imagens no livro, partimos para releitura da iconografia de duas imagens, passamos aos comentários das imagens baseado nos estudos históricos realizados por pesquisadores, autores e historiadores.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como ponto de partida, para discutir a iconografia e iconologia da representação dos povos indígenas, é fundamental conhecer a Lei Federal nº 11.645/2008, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Isso constitui um avanço a partir do momento em que insere o ensino sobre os povos indígenas como sujeitos ativos, autores de conhecimento e da diversidade cultural. O documento declara que:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL,2008 p. Art.26).

O documento traz subsídios importantes, que visam fortalecer a história e cultura dos dois grupos étnicos que contribuíram de maneira significativa para formação do povo brasileiro, negros africanos e indígenas, destacando a história, a cultura e as lutas dos povos indígenas e suas contribuições sociais, econômicas, culturais e políticas na formação da sociedade brasileira.

Mesmo que os povos indígenas façam parte da nossa formação sociocultural, podemos perceber que a história parece ter ficado somente na sua origem, presa ao passado, como percebemos na análise das imagens visuais. Segundo Oliveira (2011) o ser índio não é estar nu ou pintado, não é algo que se veste. A cultura indígena faz parte da essência da pessoa, não se deixa de ser índio por viver na sociedade contemporânea. A coordenadora também nos alerta que o professor deve mostrar aos alunos que os povos indígenas não vivem mais como em 1500. Hoje, muitos têm acesso à tecnologia, à Universidade e a tudo o que a cidade proporciona e, nem por isso deixam de ser indígenas e de preservar a cultura e os costumes.

Na contemporaneidade, trabalhar o ensino de história requer leitura e problematização iconográfica e iconológica dos relatos de acontecimentos e fontes históricas. Em específico as questões indígenas e dos povos africanos e afro-brasileiros, não se trata de trabalhar apenas no dia 19 de abril com comemorações, pinturas e (re)contações de histórias de forma estereotipada, levando-nos a retratar os indígenas como os outros. Freitas (2010, p. 160) ratifica esta ideia: “[...] Os indígenas, em muitas situações do nosso cotidiano, são os “outros” da sociedade nacional e a disciplina escolar história é o espaço privilegiado para o conhecimento e a compreensão do outro, levando em conta as singularidades desse mesmo “outro” [...]”

Para o autor, os povos indígenas, na maioria das vezes, em nosso meio social, são vistos como os outros, um povo com cultura atrasada e presa ao passado, o que gera um processo de rejeição cultural, num processo ocidental que Santos (2007) caracterizaria como pensamento abissal e que, geralmente causa um apagamento da cultura “não-científica”, “do outro”. Os dois autores, no entanto, apresentam possibilidades na resolução deste problema. Este orienta uma ecologia de saberes, aquele a disciplina de história como partícipe desta ecologia, que viria a romper as barreiras de apenas relatar fatos, visando a problematização por parte de quem ensina, através do respeito as singularidades e conhecimentos produzidos por povos nativos primordiais.

De acordo com Freire (2000) existem cinco equívocos sobre a imagem indígena: 1 – o índio genérico, que constitui um bloco único, compartilhando as mesmas crenças, onde sabemos que existem, só no Brasil, mais de 200 etnias, com línguas e culturas diferentes; 2 – com culturas atrasadas, ideia impregnada justamente adotada pelos povos colonizadores, para minorar a cultura de outros povos, porém existe produção de

conhecimento sofisticado na vivência indígena; 3 – e congeladas, esta ideia, inclusive, orienta nossa pesquisa na análise da imagem do índio como alguém que parou no tempo, apesar de sabermos que até as interações forçadas pelo tempo, nos levam à transformações culturais; 4 – que pertencem ao passado, contra essa ideia podemos falar da arte indígena contemporânea que, ainda que se utilizando de elementos reconhecíveis pela sua cultura, trata de temas atuais; 5 – que o brasileiro não é índio, ideia amplamente aceita com base na “europeização” populacional, mas equivocada uma vez que colabora com o apagamento das outras culturas não-ocidentais. Para não cairmos neste equívoco precisamos (re)conhecer, discutir e problematizar as diversas culturas sem preconceitos e adjetivos estereotipados.

Para tanto, precisamos conhecer a história do povo indígena de forma aprofundada. Oliveira (2011), coordenadora de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Educação do estado do Acre e Majoí Gongora, Antropóloga do programa de Povos Indígenas do Brasil do Instituto Socioambiental apresentam que, no Brasil existe aproximadamente cerca de 230 povos indígenas, que falam cerca de 180 línguas. Cada etnia tem sua identidade, rituais, modo de vestir e de se organizar. Não nos prendamos a uma etnia. Falemos, por exemplo, dos Ashinkas, que têm ligação com o império Inca; dos povos não-contatados e dos Pankararu, que vivem na Zona Sul de São Paulo e povos potiguaras, que vivem no litoral da Baía da traição Paraíba. Por isso, cabe a cada educador, pesquisador e historiador pesquisar e problematizar iconografia e iconologia dos livros didáticos a serem estudados no espaço escolar.

Mediante as imagens visuais (desenhos, gravuras e fotografias) representadas no livro didático acerca dos povos indígenas é necessário estudar e analisar as interpretações mais profunda dos objetos e obras de arte, analisando o nível histórico e sociológico da imagem e não apenas uma análise preliminar, ligado à estética e sim a iconografia. Peter Burke nos revela que:

Antes de tentar ler imagens “entre as linhas”, e de usá-las como evidência histórica é prudente iniciar pelo seu sentido. Porém, pode o sentido de imagens ser traduzido em palavras? [...]. De uma certa maneira elas assim o fazem; imagens são feitas para comunicar. Num outro sentido elas nada nos revelam. Imagens são irremediavelmente mudas. Como disse Michel Foucault, “o que vemos nunca está no que dizemos”. (BURKE, 2004, p. 43)

Antes de iniciar qualquer análise de leitura de imagem é necessário levantar traços históricos que levem o sujeito a repensar o seu olhar de comunicação já que o discurso do autor revela que as imagens são feitas para comunicar.

Panofsky (1979) descreve de maneira explícita que a iconografia se dirige ao campo mais profundo, que nos exige mais do que a nossa experiência cotidiana ou cultural, é necessário o nosso conhecimento adquirido de leituras e estudos bibliográficos, aos temas e conceitos das imagens, histórias ou alegorias. Pois para analisar uma obra, ou imagem, é necessário observá-la levando em consideração o período de elaboração, o momento histórico, político, social e ideologia do autor, influências na produção final da obra. Para o autor, também pode ser visto como significado natural, que decorre quando a nossa experiência cotidiana nos diz automaticamente o significado de uma expressão por meio de um gesto ou de uma representação de uma figura. Já a iconologia enfatizar a análise contextual e a questão sociocultural que decorre do mundo próprio do artista, que pode fortalecer suas convicções ou silenciar fatos em sua produção artística.

Para tanto, qualquer imagem visual, seja pintura, fotografia ou uma propaganda, pode ser utilizada como fonte de reflexão e informação histórica. É preciso não reduzir a uma mera ilustração ou tomá-la verdade absoluta. Trabalhar com imagens deve ser, antes de tudo, um exercício do pensar, de elaborar argumentos e construir hipóteses e ideias a partir de elementos dados (CATELLI JUNIOR, 2009). O autor adverte que:

Por conseguinte, faz-se necessário conhecer o contexto histórico em que se produziu a obra, época em que viveu o autor da imagem e suas opções e inserções políticas e ideológicas ou culturais, para chegar mais perto de sua interpretação dos fatos retratados nas obras. Para o professor, é possível trabalhar história regional, por exemplo, utilizando-se desse material, buscando, juntamente com os alunos, material nos acervos familiares (CATELLI JUNIOR, 2009, p. 18).

Expressa que toda a imagem carrega consigo a visão de mundo de seu autor, por isso, se faz necessário um estudo e análise de todo contexto histórico, político, ideológico e cultural de quem (re) produziu a obra iconográfica das imagens visuais (gravura, desenhos e fotografias).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Talvez por falta de imagens que possam identificar o período específico da chegada dos colonizadores, uma vez que a história é contada a partir destes, leva-nos a tentar retratar a história de alguma forma, perpetuando estereótipos traçados por aqueles

que viam o outro, neste caso o índio. É bem verdade que esta visão vem sendo debatida nos diversos meios, e a presença essencial do índio na formação da sociedade americana e brasileira é reconhecida. Mas pensando iconograficamente, com base nas imagens presentes no livro didático escolhido podem principiar um outro olhar nos estudantes.

A figura 01, onde está representado Cristóvão Colombo chegando à América, sendo recebido pelos índios com alegria, empatia, sendo presenteado com objetos e joias de ouro, pode nos dar a ideia de que a relação de índios e invasores seria de amizade, quando sabemos que essa relação se deu a partir do poder bélico dos colonizadores que escravizaram e diminuíram os valores culturais dos indígenas. Por outro lado, os índios revidaram como puderam a esta invasão.

Ainda na imagem podemos ver indígenas com vestes e seu fenótipo é semelhante ao negro africano. Nos perguntamos: será que foi assim o primeiro contato dos europeus com os indígenas com simpatia? Por que os indígenas estão presenteando os europeus com objetos e joias de ouro ou vice-versa? E por que os indígenas estão de vestimentas se durante este período da chegada eles, provavelmente, andavam nus? Talvez achemos resposta na propositura colonial, e recorrente até os dias de hoje, de que

Figura 1 – Chegada de Colombo à América, Theodore de Bry, 1596



Fonte: Livro do Projeto Buriti de História – 4º ano, p. 67.

o índio é uma figura ingênua, sem muita inteligência. Além disso, o corpo coberto está muito mais arraigado na representação do corpo moralizado europeu, baseado no pecado, o que podemos confirmar com a impostação da cruz ao fundo. Novamente confirmamos a visão colonialista da realidade, onde a chegada dos portugueses foi feita de maneira ordeira e festiva, e os habitantes nativos, por muito ingênuos foram “convencidos” de que seria melhor se adequar ao padrão trazido de fora.

A figura 2 é a segunda imagem analisada e descreve a celebração da missa no Brasil no momento de fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro em 1565.

Figura 2 – Fundação da cidade do Rio de Janeiro, Antônio Firmino Monteiro, 1881.



Fonte: Livro do Projeto Buriti de História – 4º ano, p. 94.

Aqui vemos o índio já totalmente colonizado e pacificado, aceitando a catequização. Ao que sabemos muitos índios “aceitavam” a catequização, pois em comparação à perseguição de grupos de eliminação indígena este parecia ser um quadro mais suave. Ademais, aqueles índios que não aceitassem participar de tais celebrações eram acorrentados a fim de assistir os eventos catequizadores.

Outro fato que deve ser destacado nesta imagem é que no livro ela está completamente descontextualizada, o que mostra a importância do professor enquanto provocador de diálogos reflexivos com a turma. Apesar de o próprio livro, em outro

capítulo, falar sobre o povo indígena e até explicitar a violência sofrida por estes, as imagens são, sabidamente, fonte mais forte de apreensão de conhecimento, principalmente numa sociedade tão imagética, e na idade dos alunos aos quais o livro é destinado. Deve se dizer que também é informado que os artistas que reproduzem as paisagens brasileiras neste período também podem nunca ter visto o Brasil ou os índios, porém em outro tópico. O que fica é a imagem e suas consequências.

Este tipo de imagem no livro didático, segundo Grupioni (2004) nos alerta, deturpa nossa história, contando outra história da chegada dos europeus bondosos e mais civilizados, dos índios que ora são cordiais, amigáveis, ora selvagens que precisam ser civilizados. Já na celebração da primeira missa os indígenas passivos e catequizados.

Assim, se a imagem é fonte histórica e ponto de pesquisa é possível perceber erros, por isso a problematização das imagens visuais ilustradas no livro didático estudado partindo das análises iconográficas é essencial por parte do educador.

Em vista disso, percebemos que o livro do projeto Buriti é ainda parcialmente relatado na visão do colonizador. Pouco relata e problematiza a invasão forçada dos portugueses, as lutas dos povos contra os povos indígenas, o processo de catequização dos jesuítas, a exploração e abuso do trabalho pelos bandeirantes. Este livro, e provavelmente, vem contribuindo para negação e preconceito cultural dos povos indígenas, a metodologia do livro é bastante tradicional que representa a memorização de fatos e acontecimentos descritos pelo autor. Apesar, de esclarecer de forma parcial a questão indígena, é insuficiente na abordagem da educação indígena e importância histórica e cultural do povo indígena para formação do povo brasileiro.

De acordo com Schmidt e Cainelli (2009, p. 20) “Aprender história é discutir evidências, levantar hipóteses, dialogar com os sujeitos, os tempos e os espaços”. Para os autores o ensino deve ir além dos conceitos substantivados, não podendo reduzir-se na memorização de fatos, sujeitos e tempos históricos. A história não é simplesmente um relato de fatos, elogios de sujeitos ou figuras ilustres. É um lugar de debate, campo de pesquisa, produção do saber e problematização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das pesquisas bibliográficas, documentais, estudos iconográficos, podemos deduzir que, no caso do livro didático de história do 4º ano do Projeto Buriti

do ensino fundamental, utilizado na escola de rede municipal da cidade de Campina Grande – PB, ainda existe uma permissividade em representações colonizadoras da história brasileira e americana. O estudo iconográfico das imagens nos leva perceber as diferenças entre a visão do colonizador e a vivência do colonizado. A imagem do povo indígena no livro exalta os valores e conhecimentos equivocados.

Para além desta imagem pacificada do índio na chegada dos portugueses, ainda temos o equívoco do indígena silvícola, que vive apenas da caça, colheita e pesca, ainda que existam comunidades que conservem estes hábitos, precisamos nos desvincular desse ideário idílico. O que reforça cada vez mais os conceitos estereotipados e preconceitos a respeito dos povos indígenas.

O livro didático precisa estar conectado a novos saberes e outras vozes que são caladas em seu lugar da história para, então, ser multicultural favorecendo uma “ecologia global de saberes” (SANTOS, 2007). E o professor precisa estar (in)formado para mediar esse dinamismo e essa multiplicidade históricos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Federal nº 11.645/08 de março de 2008**. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso: 26 jun. 2021.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru/ São Paulo: EDUSC, 2004.

CATELLI JUNIOR, R. **Temas e linguagens da história**: ferramentas para a sala de aula no ensino médio. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. **Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 17-33, set. 2000.

FREITAS, Itamar. **A experiência indígena no ensino de história. História: Ensino Fundamental**. Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica, 2010.

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. Livros didáticos e fontes de informações sobre as sociedades indígenas no Brasil. In SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (Orgs.). IN: **A Temática indígena na escola: novos subsídios para professores do 1º e 2º graus**. 4º Ed. São Paulo: Globo: Brasília: MEC: Mari: UNESCO, 2004.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Tradução Maria Clara F. Kneese, J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

OLIVEIRA, Maria do Socorro de. O que (não) fazer no Dia do Índio. 2011. Disponível em:

<http://revistapontocom.org.br/materias/o-que-nao-fazer-no-dia-do-indio>. Acessado: 29 jun. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Mariene. História do ensino de história: o saber e fazer históricos em sala de aula e a construção de noções de tempo. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2009 (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

THAHIRA, Rosane Cristina. **Projeto Buriti: Historia**. 4º ano. 2º Ed. São Paulo: Moderno, 2011.